

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A DIMENSÃO ESPACIAL DO DESENVOLVIMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO¹

Valdir Roque Dallabrida²
Marley Vanice Deschamps³
Marcos Benedito Schimalsk⁴
Reinaldo Knorek⁵

RESUMO

Ao revisar as diferentes abordagens teóricas sobre desenvolvimento, apesar de não ser uma prática hegemônica, é digno de registro o fato que autores e obras da Economia e outras áreas ressaltam a dimensão espacial do desenvolvimento. Propõe-se contribuir no debate sobre desenvolvimento, sistematizando os aportes teórico-metodológicos centrados na dinâmica espacial, desde os clássicos até os contemporâneos. Os aportes teóricos, prefere-se classificá-los, como o conjunto de teorias clássicas da localização, as teorias do desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração e a produção recente em economia regional. Já os aportes metodológicos, restringe-se à indicação de alguns dos principais métodos de análise regional, a partir dos quais seja possível fazer estudos comparativos entre regiões.

Palavras-chave: Espaço. Território. Desenvolvimento. Dinâmica espacial. Teorias da localização

THEORETICAL AND METHODOLOGICAL CONTRIBUTIONS ON THE SPATIAL DIMENSION OF DEVELOPMENT: A CONTRIBUTION

ABSTRACT

When revising the different theoretical approaches on development, in spite of not being a hegemonic practice, it is worthy of registration the fact that authors and works of the Economy and other areas stand out the space dimension of the development. Intends to contribute in the debate on development, systematizing the theoretical-methodological

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentado no *V Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: A CEPAL na atualidade e no futuro da América Latina*, realizado na UNISC, Santa Cruz do Sul (RS), nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 2011.

² Geógrafo, Doutor em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Atua no Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC), Campus Canoinhas (SC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: valdirroqued897@gmail.com.

³ Economista, Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Atua no Mestrado em Desenvolvimento Regional da UnC, Campus Canoinhas (SC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: mvdeschamps@hotmail.com.

⁴ Engenheiro Cartógrafo, Doutor em Ciências Geodésicas pela UFPR, com atuação na UDESC, Campus Lages (SC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: mbs@cni.unc.br.

⁵ Administrador, Doutor em Engenharia de Produção na UFSC. Atua no Mestrado em Desenvolvimento Regional da UnC, Campus Canoinhas (SC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: professorreinaldo@cni.unc.br.

contributions centered in the space dynamics, from the classic to the contemporaries. The theoretical contributions, it is preferred to classify them, as the group of classic theories of the location, the theories of the regional development with emphasis in the gathering factors and the recent production in regional economy. Already the methodological contributions, limits to the indication of some of the main methods of regional analysis, starting from which it is possible to do comparative studies among areas.

Keywords: Space. Territory. Development. Spatial dynamics. Theories of location.

INTRODUÇÃO

Ao revisar as diferentes abordagens teóricas sobre desenvolvimento, apesar de não ser uma prática hegemônica, é digno de registro o fato que autores e obras da Economia e outras áreas ressaltam a dimensão espacial do desenvolvimento⁶. Pretende-se aqui fazer uma descrição histórico-temporal dos aportes teórico-metodológicos sobre desenvolvimento centrados na dinâmica espacial. Os aportes teóricos serão classificados, seguindo Cavalcante (2008), como o conjunto de teorias clássicas da localização, as teorias do desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração e a produção recente em economia regional. Já sobre os aportes metodológicos, o texto se restringe à indicação de alguns dos principais métodos de análise regional. Fica uma tarefa para o futuro, aprofundar o tema, indicando possíveis métodos através dos quais seja possível fazer estudos comparativos entre regiões.

O artigo priorizará a revisão e síntese da bibliografia, bem como a indicação de fontes de leitura para aprofundamento do tema. Mesmo sabendo da existência, não serão contempladas neste artigo com a profundidade necessária as diversas avaliações críticas sobre as teorias da localização. No entanto, elas não podem passar despercebidas totalmente. Assim, serão feitas rápidas menções e o indicativo de alguns autores referência.

Além desta introdução, o texto está estruturado em três partes. Na primeira são sintetizadas as abordagens que destacam a dimensão espacial nas teorias do desenvolvimento, destacando as teorias clássicas da localização, as teorias do desenvolvimento com ênfase nos fatores de aglomeração e na sequência a produção recente relacionada à Economia Regional. Na segunda parte, faz-se rápida referência aos modelos de análise regional. Por fim, as considerações finais.

A DIMENSÃO ESPACIAL DO DESENVOLVIMENTO NAS TEORIAS CLÁSSICAS DA LOCALIZAÇÃO

Para Ferreira (1989), as teorias da localização das atividades socioeconômicas poderiam ser classificadas em dois grupos: no primeiro, as teorias que consideram os mercados consumidores puniformes, ou seja, os consumidores se concentram em pontos discretos do espaço geográfico (Thünen e Weber); no segundo, as teorias que consideram os consumidores dispersos em áreas de mercado de diversos tamanhos (Christaller, Lösch, Hotelling, Palander, Hoover, Predöhl, entre outros). Somadas às contribuições posteriores,

⁶ Ver, por exemplo: Brandão (2007).

como as de Walter Isard, são entendidas como os fundamentos básicos das teorias da localização e da análise da organização espacial da economia.

Já Ramos e Mendes (2001) referem-se aos pioneiros da teoria da localização, fazendo uma síntese, em que apresentam Richard Cantillon (1755)⁷ como o único que, na época, aprofunda os seus estudos, de modo a ser considerado como um verdadeiro precursor da economia espacial. Para os autores, Von Thünen (1826), após Cantillon, definiu os fundamentos da teoria da localização agrícola e Alfred Weber (1909) fez o mesmo para a localização industrial. Vários autores alemães e escandinavos tentaram ligar estas duas teorias à teoria econômica geral, tais como Andreas Predöhl (1925), pela aplicação do princípio da substituição, Hans Weigmann (1931), por referência ao regime da concorrência imperfeita e Tord Palander (1935), pela generalização do método das isolinhas, que está na base das curvas de indiferença. Em seguida apareceram os precursores da análise urbana com William Reilly (1929) e os seus estudos da área de influência das cidades e com Walter Christaller (1933), um dos primeiros estudos dos sistemas urbanos. Por fim, a obra de August Lösch (1957)⁸ constituiu uma tentativa de elaboração de uma teoria geral de equilíbrio espacial e uma análise das áreas de mercado, enquanto que François Perroux (1967) propõe uma análise de conceitos de espaço econômico, que define as relações existentes entre os diferentes elementos econômicos, tema complementado por Jacques Boudeville (1973). Na sequência do texto será feita uma descrição sintética das abordagens teóricas dos principais autores⁹.

A contribuição de Thünen (1826) é considerada um paradigma da modelização espacial, inspiradora de inúmeros estudos sobre a localização das atividades no espaço urbano, desenvolvidas a partir dos anos sessenta¹⁰. Thünen em sua obra *O Estado Isolado nas suas relações com a Agricultura e a Economia Nacional*, publicada originalmente em 1826, centrou seus estudos na análise da distância, do custo de transporte e da localização do mercado, como variáveis explicativas do padrão de ocupação do solo agrícola. Em síntese, Thünen procurava mostrar que os preços de mercado elevavam-se com o aumento da distância dos locais de produção em relação ao mercado de consumo. O autor desenvolveu uma teoria, chamada de *anéis de Thünen*, que são as circunferências em torno da cidade, cada uma delas delimitando a área de cultivo de um produto. Com isso os preços dos produtos sofreriam influência de acordo com as suas distâncias em relação ao centro.

Considere-se que, na atualidade, há uma drástica redução da importância relativa dos custos de transporte nos custos totais da empresa, além da evolução nos sistemas de conservação atuais, que permite o transporte de alimentos em longas distâncias. Outra questão é que Thünen raciocinava sobre um modelo de economia isolada, o que não era adequado para explicar os padrões de utilização do solo, nem mesmo na sua época, muito menos na atualidade. Outra questão crítica é a linearidade de seu modelo.

Esta elaboração teórica de Thünen foi reformulada por Alonso (1964). No entanto, segundo Mattos (1998), deixa sem resolver a questão de por que surgem as aglomerações urbanas especializadas em manufaturas e atividades terciárias. Isto é, os fatores de localização

⁷ A obra original do autor foi: “*Essai sur La nature du commerce en general*”. A versão disponível foi publicada anonimamente 20 anos após sua morte.

⁸ Trabalhos originais do autor são publicados na língua alemã desde 1906, além de publicações em inglês em 1939 (*The Economics of Location*). Esta referência é uma tradução para a língua espanhola.

⁹ Para um estudo mais aprofundado, ver: Ferreira (1989).

¹⁰ Segundo Albergaria (2009).

não são explicados, senão que assumidos como fatores exógenos. No entanto, na década de sessenta, a abordagem teórica de Thünen retoma importância com o enfoque da Nova Economia Urbana, com seu modelo de base¹¹. Tais enfoques consideram que, para além da concentração dos empregos no centro, supõe-se que a cidade é servida por um sistema de transportes radial e ainda que o espaço é homogêneo e o solo está disponível para uso residencial. Assim, para a Nova Economia Urbana, com a ajuda de instrumentos da análise da microeconomia, o paradigma de Thünen constitui o molde onde se inscreve a análise da utilização do espaço intra-urbano (ALBERGARIA, 2009)¹².

Mais tarde Weber (1929) desenvolveu um importante estudo sobre a localização da empresa, em que analisou a minimização de custos como variável decisória. O autor sugeria que haveria três fatores que determinariam a localização da empresa industrial: o custo de transporte; os custos do trabalho; as vantagens associadas à aglomeração, ou seja, as chamadas *economias de aglomeração*. O autor, em seu modelo matemático supôs uma superfície plana e homogênea e considerou a existência de alguns centros de consumo e um número limitado de fontes de matérias-primas. Classificou como fatores gerais da localização os custos de transportes e do trabalho e a renda da terra, por entender que estes afetam a todas as indústrias indistintamente. Na teoria weberiana, a empresa procura a localização que minimize os custos salariais ou os custos de transporte de matérias-primas e de produtos acabados, em diferentes situações. Ou seja, em uma situação em que custos totais, inclusive os de transporte, sejam iguais em todas as partes, o local que fará resultar o máximo de lucro para a firma será onde for menor o custo de transporte. Assim, o transporte e a mão-de-obra distribuem as indústrias sobre o espaço geográfico, fixando-as em locais de custo mínimo regional¹³.

Seguindo a linha de raciocínio de Weber, Predöhl (1925) trouxe sua contribuição às teorias da localização demonstrando que diferenças significativas dos salários entre regiões determinarão a tecnologia empregada pela empresa, ao escolher a localização ótima. Havendo diferenças regionais nos salários, preço da terra e custo do capital, as condições de localização mudariam de uma empresa para outra, em função da quantidade de insumos que utiliza e, portanto, da tecnologia empregada¹⁴.

Já Christaller (1966), geógrafo de origem alemã, considerado um dos primeiros estudiosos dos sistemas urbanos, procurou entender as leis que determinam o número, tamanho e distribuição das cidades, que, segundo ele, são conhecidas como *lugares centrais*. O autor elabora uma teoria de lugares centrais, que consiste numa análise da hierarquia dos centros urbanos, baseada nas suas atividades terciárias e serviços prestados à sua área de influência. Ele parte da ideia de que todo o aglomerado é constituído com vista a fornecer certo número de bens e serviços terciários ao resto do país: é o princípio do abastecimento dos mercados (*marktprinzip*). O exercício das funções comerciais constitui uma primeira força aglomerativa para as populações rurais, dispersas sobre um dado território. Uma segunda força tenderá a tornar esta aglomeração permanente, residindo no fato de que certos bens e serviços não podem ser produzidos a não ser num número limitado de lugares, onde estão

¹¹ Um dos autores referência: Fujita (1989).

¹² Em Albergaria (2009) e Souza (2009) é explicitado o modelo matemático de Thünen.

¹³ Ver aprofundamento do tema em Ferreira (1989) e Souza (2009), que além de detalharem a abordagem teórica, fazem referência ao triângulo locativo de Weber e seu modelo de análise regional. Já o detalhamento outros modelos de análise regional são feitos em Albergaria *et al* (2009).

¹⁴ Souza (2009) aprofunda o tema, descrevendo os diagramas explicativos da abordagem.

reunidos os fatores de produção necessários e a partir dos quais eles são distribuídos por todo o território (RAMOS e MENDES, 2001)¹⁵.

Foram realizadas numerosas tentativas de verificação empírica da análise de Christaller, tanto nos Estados Unidos como na Grã-Bretanha e na Alemanha. Por isso alguns autores foram levados a fundamentar a hierarquia dos centros urbanos com base em relações mais rigorosas entre a sua ordem e a sua dimensão, ou ainda entre as suas funções e a sua dimensão¹⁶.

Lösch (1957) procurou descrever como uma empresa produz um bem industrial a um determinado custo médio, atingindo o consumidor mais distante, até que o custo de transporte e o custo de produção sejam iguais ao preço do produto. Alargando o problema da localização industrial a todo o sistema econômico, sugere uma *teoria de equilíbrio espacial geral*, que se mantém ainda atual. Contrapõe-se à abordagem de Weber, na medida em que presta especial atenção à definição das áreas de mercado e o parâmetro de escolha da localização é a maximização do lucro. Pelo seu enfoque macroeconômico, para Souza (2009), a obra de Lösch é considerada precursora da moderna economia regional e urbana¹⁷.

Já o modelo de Hotelling (1929) oferece também algumas contribuições interessantes sobre a localização das firmas no espaço econômico, considerando a situação de monopólio. A diferença conceitual em relação aos outros dois modelos discutidos anteriormente refere-se à decisão locacional como forma de se ganhar vantagem competitiva em relação à concorrência. Enquanto nos modelos básicos, como os de Weber, por exemplo, as firmas definem sua localização ótima baseada em informações sobre os parâmetros do mercado, independentemente da localização da concorrência, no caso do modelo de Hotelling a decisão de onde produzir é fundamental para que se defina endogenamente o padrão de distribuição das atividades.

O debate sobre a distribuição das atividades produtivas em relação ao mercado, no caso de oligopólio espacial foi complementada por Palander (1935) pela generalização do método das isolinhas. Outro autor mais contemporâneo, Aydalot (1985), afirma que é com Palander que se compreendeu que o espaço suprime a concorrência perfeita, na medida em que a distância concede proteção monopolista às empresas.

Outro autor, Hoover (1955), demonstra que o atendimento a uma maior diversidade de mercados, além do local, pode tornar uma empresa mais competitiva, se admitirmos a existência de rendimentos crescentes de escala. Neste caso o aumento do preço de entrega ao consumidor, em locais mais distantes, é compensado com a diminuição dos custos operacionais e, por consequência, dos preços de mercado. Isso cria a possibilidade de diminuir os preços ao consumidor ou aumentá-los menos que os custos de distribuição.

Por fim, dentre os clássicos da teoria da localização, é necessário ressaltar a contribuição de Isard (1956; 1972). Inconformado com a interpretação dada pelas teorias

¹⁵ Fugita, Krugman e Venables (2000, p. 27) qualificam a teoria dos lugares centrais “na melhor das hipóteses uma descrição, mas não uma explicação, da estrutura espacial da economia”.

¹⁶ Em Cadima Ribeiro, Santos e Carballo-Cruz (2009), o tema é aprofundado, descrevendo os modelos e métodos de análise regional com base em Christaller.

¹⁷ Em Ferreira (1989) o tema é aprofundado, descrevendo os modelos matemáticos e os métodos de análise regional com base em Lösch.

econômicas neoclássicas à dimensão espacial, o autor criou o que passou a se chamar de *Ciência Regional*. A crítica de Isard referia-se ao fato de que a dimensão espacial não era considerada pelos clássicos, os quais se sustentavam na suposição de que deveria ocorrer uma equalização dos preços dos fatores de produção, em função do regime de concorrência perfeita, e da perfeita mobilidade dos fatores, com o que os custos de transporte eram desconsiderados. A principal contribuição teórica de Isard foi a de introduzir os problemas de espaço na teoria econômica através do conceito de *insumos de distância* (o movimento de um peso unitário sobre uma unidade de distância). O preço de um insumo de distância é a taxa de transporte e, como no caso de insumos de capital, uma redução no preço causa um efeito de escala e de substituição¹⁸.

Autores contemporâneos consideram a abordagem de Isard uma construção de caráter multidisciplinar que teve uma importância prática considerável no planejamento regional¹⁹. Teve o mérito de integrar as contribuições da escola dos geógrafos alemães à questão espacial com a análise microeconômica da minimização de custos ou da maximização do lucro, mediante o estabelecimento de uma teoria geral mais adequada da localização e do espaço econômico.

Estas são as principais contribuições teóricas clássicas sobre a localização. Sobre sua adequabilidade à análise regional, é fundamental que, atualmente, sejam considerados os novos problemas de localização²⁰.

TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO COM ÊNFASE NOS FATORES DE AGLOMERAÇÃO

A partir de meados da década de 1950, começam a ser desenvolvidas teorias de desenvolvimento que passam a enfatizar algum tipo de mecanismo dinâmico de auto-reforço resultante de externalidades provenientes da aglomeração industrial. No entanto, é indispensável registrar algumas contribuições teóricas anteriores, que, de certa forma, servem de referência aos demais autores: Marshall e Shumpeter.

Nesta parte do texto, após rápidas referências às contribuições de Marshall e Shumpeter, será dado destaque aos autores Myrdall, Kaldor, Hirschman, Rosenstain-Rodan, Perroux e Richardson²¹.

***Marshall e Shumpeter* como inspiradores do debate sobre localização das atividades econômicas**

A produção recente sobre Economia Regional, além de ter como referência os enfoques de Marshall (1842-1924) sobre aglomeração das atividades econômicas, tem uma

¹⁸ Ver aprofundamento em Souza (2009) e Albergaria *et all* (2009), inclusive a explicitação de métodos de análise regional com base no autor referenciado.

¹⁹ Em especial Moncayo Jiménez (2001).

²⁰ Ver análise crítica sobre teorias da localização em: Azzoni (1982).

²¹ Neste parte do texto utilizam-se contribuições de Dallabrida (2010).

forte influência do pensamento de Schumpeter (1911 e 1942) e da corrente evolucionista neoschumpeteriana, sobretudo nos esforços de compreensão dos impactos dos processos de inovação tecnológica e aprendizado no desenvolvimento regional (CAVALCANTE, 2008).

A idéia de que a aglomeração de produtores numa localização em particular traz vantagens, e que estas vantagens, por sua vez, explicam a aglomeração, é antiga. No entanto, há uma concordância de que Alfred Marshall teria explicitado primeiro a questão da aglomeração como um fator de localização de novas atividades econômicas e, portanto, de crescimento. Marshall (1982) em seus estudos destacou a organização industrial e a divisão do trabalho, como geradoras de economias de escala, e investimentos em infra-estruturas, criadores de economias externas. Ele divide as economias derivadas de um aumento de escala de produção em duas categorias: as economias externas, que dependem do desenvolvimento da indústria em geral e as economias internas, que dependem dos recursos da própria empresa e da eficiência da sua administração.

A principal referência que relaciona Marshall às teorias da localização ou polarização regional é sua defesa de que algumas condições seriam facilitadoras de economias externas: (1) pela concentração de indústrias em um mesmo local, gerada pelas interdependências tecnológicas existentes entre atividades, que permitem minimizar custos de transporte de insumos; (2) pela formação de um mercado de trabalho especializado; (3) pela troca de idéias entre empresários, que podem se reunir com mais facilidade; (4) pelas melhorias nas infra-estruturas efetuadas por particulares ou pelo Estado, beneficiando o conjunto do complexo industrial localizado no mesmo espaço. As condições que favorecem as economias externas reproduzem economias de escala. Contudo, conforme Souza (2005), a aglomeração excessiva de indústrias em um mesmo local pode produzir deseconomias externas, como a elevação dos terrenos e salários, devido ao aumento da concorrência.

Marshall popularizou-se também pela introdução da noção de *distritos industriais*, o que tem exercido forte influência em muitos dos debates contemporâneos voltados ao estudo de processos localizados de desenvolvimento. É fundamental destacar que os enunciados de Marshall estão limitados pelos pressupostos do paradigma da concorrência perfeita sobre organização industrial, com o que tendem a descolar-se da realidade quando considerada a perspectiva de longo prazo.

Já Schumpeter (1985), contrariamente ao que sustentavam as teorias econômicas do início do século XX, defendeu a idéia de que as mudanças estruturais que caracterizavam o desenvolvimento econômico não podiam ser adequadamente explicadas apenas em função do uso eficiente dos recursos por parte dos agentes econômicos, em função das condições do mercado e das técnicas disponíveis. Para este autor, o principal fenômeno que explicava o desenvolvimento econômico é o papel inovador desempenhado por certos empresários. Assim, certos empresários, longe de apenas se adequarem ao seu contexto econômico, procurariam desenvolver novas técnicas, novos produtos ou novas formas de organização que, ao serem lançadas, criariam novas demandas. Ou seja, para Schumpeter, as firmas inovadoras se expandem, podendo ocasionar o desaparecimento de firmas não inovadoras, que operem com maior custo, gerando um processo de *destruição criadora*. Este processo, na visão schumpeteriana, dá origem à diversificação das atividades, à geração de novas oportunidades e às mudanças estruturais características do processo de desenvolvimento.

A teoria da dinâmica circular cumulativa

A *teoria da dinâmica circular cumulativa*, ou também chamada de *causação circular cumulativa* foi elaborada, inicialmente, por Myrdal (1962; 1968). Faz parte das chamadas *teorias do desenvolvimento desigual*, que indagam sobre a causa das diferenças no ritmo e nível de desenvolvimento entre as regiões. A contribuição de Myrdal foi reestruturada mais tarde como um modelo por Kaldor (1957).

Myrdal, baseando-se na noção geral de que o sistema social não se move espontaneamente para nenhum equilíbrio de forças como postulava o modelo da economia neoclássica, defende que a partir de uma aglomeração inicial em uma região e a existência de economias de escala e externalidades tecnológicas, novos recursos são atraídos, os quais reforçam circularmente a expansão do mercado. Nas regiões mais periféricas, ocorreria o contrário. Em síntese, Myrdal defende a validade do princípio da interdependência circular dentro de um processo de causação cumulativa ligado ao desenvolvimento. Assim, ressalta a existência de efeitos cumulativos na realização de investimentos produtivos, considerando que o primeiro empreendedor cria facilidades para a implantação de novos empreendimentos, que por sua vez amplificam as perspectivas de sucesso de outros projetos.

Myrdal também se refere ao fato de que o crescimento de uma região pode causar efeitos regressivos em outras, devido à troca desigual entre regiões mais ricas, exportadoras de produtos manufaturados e regiões mais pobres, produtoras de bens primários. Em suma, Myrdal questiona a assertiva liberal de que o equilíbrio estável da economia seria garantido pelos mecanismos de mercado e que nas relações de comércio entre países ou regiões de níveis de desenvolvimento diferentes, haveria uma tendência à igualação dos custos e da produtividade dos fatores produtivos, propiciando que ambos os países avançassem em termos de desenvolvimento. A base teórica de sua contestação parte da premissa de que existe um processo de causação circular cumulativo, cujos efeitos surgem de uma mudança social ou econômica primária, que está na essência da explicação do porque se verifica e se amplia as desigualdades entre países e regiões prósperos e pobres, criando assimetrias regionais²².

A teoria dos Encadeamentos e do Grande Impulso²³

A ideia de que o crescimento é necessariamente desequilibrado, foi compartilhada por outro autor, Hirschman (1961; 1977), o qual introduziu o conceito de *linkagens* (encadeamentos para diante e para trás), o que seria chave para a evolução teórica posterior. O autor parte do pressuposto de que o progresso econômico não ocorre ao mesmo tempo em toda a parte e que, uma vez ocorrido e que determinadas forças provocam uma concentração espacial do crescimento econômico, em torno dos pontos onde o processo se inicia. Os chamados efeitos de encadeamento são os impactos que as diferentes atividades exercem sobre as demais quando aumentam a sua produção, tanto para trás, como para frente, no processo produtivo.

Hirschman sustentava-se na observação dos especialistas de que uma das principais dificuldades das estratégias de crescimento equilibrado consiste no fato de que não se

²² Ver aprofundamento do tema em Souza (2005) e Silva *et al* (2009), com referência aos métodos de análise.

²³ Este item resume contribuições de Souza (2005; 2009).

encontram disponíveis, em volume suficiente, capitais, pacotes de inovações e empresários aptos e dispostos a assumir riscos. Em segundo lugar, a estratégia de crescimento diversificado, ao enfatizar a criação de mercado interno, concedia pouca atenção a empreendimentos específicos, tais como os de exportação, os quais poderiam induzir outras atividades produtivas correlatas. De outra parte, crescimento muito rápido pode significar a aceleração das migrações campo-cidade, aumento da marginalidade urbana e obsolescência precoce de técnicas tradicionais, elevando a relação capital-tecnologia. Hirschman (1977) aborda alguns processos básicos que configuram o progresso econômico dos países subdesenvolvidos. Defende o estabelecimento de indústrias com fortes encadeamentos para frente e para trás como estratégia de desenvolvimento. Assim, a principal fonte de desenvolvimento seria dada por atividades com alto poder de gerar encadeamentos, principalmente para trás.

A preferência estratégica a determinadas atividades produtivas geraria um padrão de crescimento desequilibrado o que criou muita controvérsia entre os pensadores da economia, na época. Mesmo assim, a ideia de encadeamentos foi assimilada pela academia. Trata-se da ideia de desenvolvimento como uma cadeia de desequilíbrios, enfatizando a natureza desordenada do desenvolvimento econômico.

Com alguma semelhança à abordagem da teoria dos encadeamentos, Rosenstein-Rodan (1963) propunha a necessidade de um grande empurrão no desenvolvimento regional, concentrando os escassos recursos em poucos grandes e diversificados projetos, bem localizados. A estratégia de Rosenstein-Rodan situa-se no contexto do Plano Marshall que se propunha estimular as regiões ditas subdesenvolvidas da Europa Oriental e Sul-Oriental. A ideia era realizar um conjunto de investimentos em uma gama variada de indústrias, promovendo um verdadeiro *ataque frontal (big push)*, também chamado de *grande impulso*. Sustentava-se na hipótese de que a demanda cresce simultaneamente com a expansão da oferta. As interdependências se manifestariam também no nível tecnológico, nas relações de insumo-produto, mas as complementaridades via demanda final, representariam o fundamento da ideia do grande impulso.

A estratégia de Rosenstein-Rodan correspondia à inserção da região na economia mundial, preservando as vantagens da divisão internacional do trabalho, com a ideia de complementaridade inter-industrial, através de grandes investimentos internacionais e empréstimos de capital. A principal vantagem consistia em uma industrialização baseada no consumo, o que seria feito sem sacrifícios da população, contando com o desenvolvimento da indústria com altos coeficientes de trabalho.

A teoria da polarização ou dos Pólos de Crescimento

O conceito de pólos de crescimento deu origem a diversas construções teóricas e delas são extraídas várias diretrizes de política de desenvolvimento. Em geral, pode-se dizer que fornecem uma interpretação espacial do crescimento econômico e sugerem estratégias para o desenvolvimento de regiões deprimidas e para a construção de sistemas urbanos.

Perroux (1967; 1977) propôs a *teoria da unidade econômica dominante*, que após várias elaborações passou a ser chamada de *teoria dos pólos de crescimento*. Tem como foco os processos acumulativos e de localização, que podem ser gerados pelas interdependências

do tipo *input-output*, em torno de uma indústria líder e inovadora. A essência de sua teoria, segundo Schwartzman (1977), poderia ser resumida em três pontos: (1) o crescimento é localizado e não é disseminado no espaço ou no aparelho produtivo; (2) o crescimento é forçosamente desequilibrado; (3) a interdependência técnica é um fator a se destacar na transmissão do crescimento. Assim, o conceito de pólos de crescimento de Perroux se aproximaria às ideias da *corrente teórica do crescimento desequilibrado*, que tem como autores principais Hirschman e Rosenstein-Rodan, no entanto, é mais claramente associada à economia regional, não só por analisar sistemas e centros urbanos, mas por dele derivar estratégias de desenvolvimento econômico para as regiões.

A principal função da unidade econômica dominante, ou indústria motriz é gerar ou produzir economias externas. Uma indústria motriz segundo Perroux (1967; 1977) teria três características principais. Em primeiro lugar possui grande porte, deste modo, suas decisões tendem a causar um grande impacto na área. Segundo, a indústria motriz apresenta uma taxa de crescimento superior à média regional. Finalmente, a indústria motriz caracteriza-se por uma forte interdependência técnica, ou linkagens, com uma gama diferenciada de outras indústrias, de modo a formar um complexo industrial. A influência da indústria motriz poderia ser basicamente dividida em efeitos sobre a estrutura de produção e efeitos sobre a demanda ou mercado.

A ideia exposta inicialmente por Perroux foi transplantada ao espaço geográfico por Boudeville (1973), com o argumento de que as indústrias e projetos dinâmicos se aglomeram numa área determinada e tem efeitos de derrame sobre as áreas territoriais próximas e não necessariamente sobre o conjunto da economia. A indústria motriz, ao atuar para obter matérias-primas, atrair mão-de-obra e produzir funciona como agente de dinamização da vida regional, provocando atração de indústrias, criando aglomerações populacionais, o que estimularia o desenvolvimento de atividades primárias fornecedoras, desenvolvendo atividades terciárias em seu entorno²⁴.

Como uma variante da teoria dos pólos de crescimento, outros autores fazem referência ao conceito de *desenvolvimento regional polarizado*. Autores, como Paelinck (1977), parte da ideia de crescimento como um processo de interdependência, ou seja, de transformações interdependentes que se produzem em certo período, acompanhando autores como Boudeville. Utilizam conceitos como regiões homogêneas, polarizadas e de programação. Paelinck, em suma, afirma que a teoria da polarização é uma teoria condicional do crescimento regional. Segundo ele, teria um valor, principalmente, na medida em que indica claramente as condições sob as quais um desenvolvimento regional acelerado pode produzir-se. No entanto, como o autor mesmo admite, tais condições são muito restritas. Para o autor, ainda, a teoria da polarização ampliou o conceito de complexo industrial, permitindo conceber um desenvolvimento econômico-geográfico estruturado, podendo vir impedir as concentrações maciças e nocivas em algumas regiões.

²⁴ Andrade (1987), contribui no aprofundamento do conceito de pólo e sua aplicação no planejamento regional. Acrescenta o autor, ainda, os conceitos de *eixo de crescimento*, *nós de tráfego*, *zonas de desenvolvimento* e *pontos de desenvolvimento*. É um enfoque para ser aprofundado em outra oportunidade, com base no autor.

A contribuição Richardson na teoria da localização

Richardson (1975) estudou a incidência espacial do processo de crescimento e desenvolvimento econômico dos países desenvolvidos após a revolução industrial, formulando algumas hipóteses sobre os padrões espaciais subjacentes a este processo. Esses padrões obedeceriam a uma seqüência temporal correspondente aos diferenciados estágios de desenvolvimento socioeconômico, referindo-se a distintos níveis espaciais de análise. Numa primeira fase, o crescimento da economia nacional manifestar-se-ia de forma muito polarizada, concentrando-se numa ou num número reduzido de regiões do país, o que ele chama de concentração inicial. Subseqüentemente, o crescimento sustentado da economia nacional vai estar associado à difusão da expansão econômica dessa(s) região(ões) central(is) para outras regiões do país. No entanto, este processo de difusão inter-regional do crescimento econômico nacional assumiria, no interior de cada região, a forma de concentração espacial num número restrito de centros urbanos, nos quais se observaria uma crescente aglomeração de população e de atividades econômicas, o que ele chama de dispersão concentrada. Por último, e no interior das áreas metropolitanas ou de centros urbanos de grande dimensão, o processo de crescimento tenderia a ser acompanhado por descentralização de população e de atividades econômicas do centro para a periferia, o que ele chama de concentração descentralizada²⁵.

De maneira geral, as teorias da polarização tiveram um impacto muito forte na orientação das políticas de desenvolvimento no Brasil, principalmente de 1960 a 1970. No entanto, sua eficácia é questionada, mesmo no país de origem, a França. As críticas referem-se à excessiva generalidade dos conceitos e seu caráter irrefutável, resultando na sua pouca operacionalidade, com o que os resultados nas políticas regionais de desenvolvimento foram no mínimo modestos²⁶.

Produção recente relacionada à Economia Regional

Como se trata de uma literatura recente e de fácil acesso, além das limitações de espaço, aqui serão referenciadas muito sinteticamente os principais enfoques contemporâneos sobre produção teórica recente relacionada com a Economia Regional.

As abordagens sobre Distritos Industriais

A noção original de distrito industrial vem de Marshall. O conceito é retomado no final da década de 1970, com análises sobre aglomerações de pequenas e médias empresas do centro-norte da Itália utilizadas depois para estudos em outros países. Becattini (1987) resume a noção de distrito industrial, neste novo período histórico, tendo como foco a experiência italiana: é uma entidade socioterritorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas num determinado território. Nos distritos industriais indústria predomina como atividade econômica dominante. Assim, cada uma das empresas tenderia a se especializar numa única, ou apenas algumas das fases dos processos

²⁵ Resumo com base em: Godinho (2002).

²⁶ Sobre crítica a teoria dos pólos, ver Blaug (1977).

produtivos específicos de cada distrito. Constitui-se num caso concreto de divisão de trabalho localizada, em que as empresas enraízam-se no território, estas geralmente pertencentes a um mesmo ramo industrial, agindo integradamente.

Tais concepções exerceram grande influência sobre a elaboração de abordagens recentes do desenvolvimento local como, por exemplo, a dos sistemas locais de produção, *clusters* e arranjos produtivos locais.

As correntes evolucionistas neo-schumpeterianas

As correntes evolucionistas neo-schumpeterianas, também chamados simplesmente de *enfoques neo-schumpeterianos*, além do fator inovação referenciado na empresa ressaltam os fatores relacionados ao entorno socioeconômico e cultural, como determinantes das aglomerações econômicas e do desenvolvimento regional. Assim, além dos referenciais schumpeterianos, assumem alguns elementos teóricos das teorias institucionalistas. Diferentemente de Schumpeter enfatizam que o desenvolvimento não necessariamente acontece por rupturas radicais, podendo se dar de forma adaptativa e progressiva, destacando o papel do aprendizado no processo de aprendizagem, do conhecimento tácito e da rotina nos processos inovadores. Da mesma forma, a figura isolada do empresário, central no modelo original de Schumpeter, é menos enfatizada em favor das instituições de pesquisa e desenvolvimento de produtos e processos.

As principais variantes da corrente evolucionista neo-schumpeteriana, resumem-se em enfoques que utilizam conceitos tais como *meios inovadores* (AYDALOTT, 1985; MAILLAT, 1995), *regiões inteligentes* (FLORIDA, 1995; MORGAN, 1997), *territórios inovadores* (MÉNDEZ, 2002) e *sistemas regionais de inovação* (LUNDVALL, 1992).

Krugman e os retornos crescentes

Paul Krugman (1992) pode ser apontado como o formulador inicial de uma série de modelos que em seu conjunto e reunindo as contribuições de diversos outros estudiosos, constituem uma nova teoria econômica do espaço, estruturando o que se convencionou chamar de *Nova Geografia Econômica*. A principal contribuição de Krugman é a incorporação dos chamados *retornos crescentes* nos modelos formais dedicados à compreensão dos fenômenos espaciais²⁷. Segundo o autor, as forças que incitam os empresários industriais a se agruparem residem nas externalidades da demanda, sendo que a concentração geográfica nasce, basicamente, da interação entre os rendimentos crescentes, os custos de transporte e a demanda²⁸.

A incorporação dos chamados *retornos crescentes* nos modelos de análise regional partem de uma crítica aos modelos clássicos, entendendo que o desenvolvimento recente recomenda a adoção de regimes de competição imperfeita. Além disso, o tratamento de custos

²⁷ Sinteticamente, retornos crescentes são a tendência pela qual aquilo que está na frente ganha cada vez mais vantagem e aquilo que perde vantagem, a perde cada vez mais.

²⁸ Outra obra referência: Fugita, Krugman e Venables (2000).

de transporte, associados à fricção da distância, deve ser considerado para se incluir outros elementos de heterogeneidade espacial nos modelos teóricos²⁹.

Enfoque dos ativos relacionais ou patrimônio relacional

As contribuições teóricas da Escola Californiana sobre os *ativos relacionais* poderiam ser classificadas como de cunho neo-institucionalista, por ressaltar a importância da cultura e da identidade territorial local nos processos de desenvolvimento. No entanto, seus resultados têm incidência espacial. A abordagem teórica dos ativos relacionais parte do pressuposto de que os requisitos necessários para a promoção do desenvolvimento de determinadas regiões, vão além da decisão puramente microeconômica, incorporando não apenas as externalidades de natureza pecuniária, mas também os *ativos relacionais dos territórios*. Assim seus autores propõem entender o território e seus atributos como agente de desenvolvimento³⁰. O principal argumento é que as economias de aglomeração territorial, em uma economia mundial globalizada, não são apenas criadas pela proximidade nas relações de insumo-produto, mas, muito mais, pelas novas tecnologias e pela existência das *interdependências não comercializadas e transacionadas no mercado*, chamadas de ativos relacionais. Estes são constituídos pelo espaço institucional de normas, regras e convenções, se apresentando tanto como condicionante desse sistema de relações mercantis de insumo-produto, quanto como potenciais para trajetórias qualificadas de desenvolvimento regional. As normas e convenções são frequentemente baseadas em elementos culturais e históricos enraizados no próprio território.

Harvey e a Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual

A abordagem de Harvey (2006) sobre o que ele chama de Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual visa compreender o funcionamento do capitalismo num âmbito geográfico, apontando como a dinâmica da acumulação do capital pode alterar o espaço e as formas de espacialidade, gerando desigualdades entre os territórios e regiões. Para o autor as assimetrias no desenvolvimento são fortemente influenciadas pela acumulação do capital, pela ação do homem na natureza, pela busca de redução do tempo de giro do capital e pelos conflitos territoriais em diferentes escalas geográficas (municipal, regional, estadual, nacional e internacional).

Harvey (2006) traz uma contribuição relevante ao estudo das relações entre ambiente territorial e organização social e humana, tendo como pano de fundo a acumulação do capital. Sua intencionalidade é a apresentação de uma teoria unificada, integrando à sua elaboração teórica, diferentes linhas de pensamento, tais sejam, a interpretação historicista, argumentos construtivistas, visões ambientalistas e explicações geopolíticas. Por isso, Harvey propõe uma teoria unificada para a análise da dinâmica regional do território. Trata-se de integrar as dimensões teóricas regionais, as teorias sociais temporais e as teorias sociais espaciais. Ou seja, se trataria de combinar quatro condicionalidades distintas quais sejam: (1) a inserção material do processo de acumulação do capital na teia da vida sócio-ecológica; (2) a

²⁹ Ver aprofundamento do tema em: Haddad (2004).

³⁰ Obras referências sobre o tema: Scot e Storper (1996); Storper (1997).

acumulação do capital no espaço e no tempo; (3) a acumulação via espoliação e; (4) os conflitos nas diferentes escalas geográficas. Esses elementos, segundo Harvey (2006), deveriam ser considerados, juntos, para a estruturação de uma teoria sobre o desenvolvimento geográfico desigual no capitalismo.

MODELOS DE ANÁLISE REGIONAL

Nesta parte do artigo se fará uma rápida sistematização dos principais modelos de análise regional propostos na atualidade. A abordagem se restringe a uma rápida menção e indicação bibliográfica básica.

É importante sempre tendo em mente que a utilização dos modelos de análise requer o conhecimento aprofundado de cada modelo, método ou técnica disponível. Segundo Simões (2005), também, a aplicação de modelos de análise regional visando à identificação de desigualdades regionais para enfrentamento das mesmas, pressupõe o conhecimento prévio da formação histórica da realidade regional do país, de fundamentos teóricos consistentes, que balizariam ações e políticas de desenvolvimento regional e, igualmente importante, de iniciativa política para a implementação das mesmas. Nesse sentido, a aplicação de modelos de análise regional é, em última instância, a tentativa de ultrapassar a fronteira existente entre a teoria e a análise econômica³¹.

Neste artigo serão destacados alguns métodos que têm sido mais utilizados atualmente.

Medidas de Localização e Especialização

Trata-se de um conjunto de medidas descritivas e de natureza eminentemente exploratórias, utilizados em diagnósticos introdutórios para políticas de descentralização industrial e, principalmente, caracterizações de padrões regionais da distribuição espacial de atividade econômica.

Na obra Haddad (1989), com seus colaboradores, são destacadas como medidas de localização, o *Quociente Locacional* (QLij) e o *Coefficiente de Associação Geográfica* (CAik). São medidas de natureza setorial voltadas à localização das atividades entre regiões tentando identificar padrões de concentração ou dispersão espacial. Por outro lado, as medidas de especialização se concentram na análise da estrutura produtiva regional vis-à-vis a nacional, verificando o grau de especialização regional, assim como sua diversificação inter-períodos. Várias metodologias, com pequenas variações, tem se utilizado do Quociente Locacional para identificar especializações produtivas locais, a exemplo dos APLs.

Método de Análise Diferencial-Estrutural ou “shift-share”³²

É utilizado para descrever o crescimento econômico de uma região em termos da sua estrutura produtiva e identificar os componentes do crescimento regional. Não se trata de uma

³¹ Ver em Haddad (1989) e Polèse (1998), uma explicitação detalhada dos principais métodos.

³² Síntese com base em Haddad (1989) e colaboradores.

teoria explicativa do crescimento regional, mas de um método de análise para identificar os componentes deste crescimento. Sua principal característica é demandar poucas informações, e ser aplicado para fins descritivos utilizando variáveis de emprego, produção ou valor adicionado, em dois períodos de tempo. Sendo setor dinâmico o que cresce a taxas maiores que a média, o método parte da constatação empírica de que há diferenciais setoriais e regionais nos ritmos de crescimento entre dois períodos de tempo. Tal diferença nos ritmos de crescimento pode ser debitada a dois fatores: primeiro, a predominância de setores mais ou menos dinâmicos na composição produtiva da região; segundo, uma maior ou menor participação na distribuição regional de variável básica, independentemente da ocorrência em setores mais ou menos dinâmicos.

Em suma, este modelo permite identificar os fatores pelos quais certas regiões crescem (ou decrescem) mais rapidamente em comparação a outras unidades. Por exemplo, determinada região poderá apresentar um crescimento econômico maior do que outras devido à existência de uma estrutura produtiva mais eficiente em razão da presença de culturas mais dinâmicas, ou seja, a composição da produção de uma determinada cultura apresentará variações de acordo com a região na qual está inserida. A base lógica do método é o fato do crescimento da produção ser maior em alguns setores do que em outros, e em algumas regiões do que em outras, ou seja, uma determinada região possuir um ritmo de crescimento econômico maior do que a média das demais, porque em sua composição produtiva existem setores mais dinâmicos ou tem participação crescente na distribuição regional da produção.

Análise de Insumo-Produto Regional e Inter-Regional, Multiplicadores de Renda e de emprego

Os modelos de Insumo-Produto trazem em seu bojo a compreensão das conexões entre relações inter-setoriais e desenvolvimento regional. A matriz de insumo-produto demonstra as relações entre os diversos setores da economia, em que são estimadas as variações nos níveis de produção setorial resultantes das variações nos níveis de demanda final, que são determinadas exogenamente. Utilizando-se os multiplicadores diretos e indiretos da matriz, é possível determinar o efeito do aumento da demanda final na geração de emprego e renda. A região, como um espaço aberto, sofre influências do exterior, seja através da procura externa pelos seus produtos, seja devido às políticas econômicas dos governos hierarquicamente superiores. Assim, são elevadas suas relações entre importações, ou exportações e o produto regional.

Na composição da economia regional existem dois tipos de atividades produtivas: as atividades básicas, que são capazes de multiplicar empregos diretos e indiretos, e as não-básicas ou induzidas. O multiplicador de emprego torna-se uma referência para medir a sensibilidade da demanda dos produtos locais frente aos impactos que determinadas medidas governamentais provocam na economia regional. São inúmeras as metodologias de multiplicadores regionais, inter-regionais e multi-regionais³³.

³³ Ver detalhamento das metodologias em Simões (2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aportes teóricos centrados na dinâmica espacial contribuem para o entendimento dos fatores que explicam por que o desenvolvimento não surge de maneira igualitária em todos os pontos e sim, de maneira variável, com efeitos e caminhos diferentes. De maneira geral, pode-se dizer que as teorias da localização constituem uma contribuição indispensável para a análise das orientações locais das atividades econômicas em mercados concorrenciais. Os fatores locais clássicos têm significativo poder de explicação das vantagens e desvantagens gerais e específicas de cada atividade socioeconômica, que as regiões têm para atrair empreendimentos. Assim, a distribuição das indústrias entre as regiões, principalmente as de pequeno e médio tamanho, voltadas a atividades agrícolas, industriais e comerciais, são influenciadas ainda pela distribuição dos recursos naturais, pelas condições físico-naturais (solos, relevo, clima...), pelos custos de transportes, mas, principalmente, por outros fatores locais modernos. Dentre estes se destacam, principalmente quando se trata de indústrias de alta tecnologia, os serviços sofisticados e especializados disponíveis localmente – desde empresas de prestação de serviços até infra-estrutura habitacional e de lazer -, além da presença de centros de pesquisa, universidades, agências de publicidade e de marketing, serviços de intermediação financeira e creditícia.

O nível de influência dos fatores locais varia, num extremo em que têm muita influência, onde se encontram as indústrias extrativas minerais e vegetais, noutro extremo, em que os fatores locais têm pouca influência, as indústrias de transformação, principalmente as de alta tecnologia. Numa posição intermediária, entre os extremos, é fundamental considerar entre os fatores locais, a existência de estruturas oligopólicas, monopólicas e de concorrência nonopolística, muito comuns na atualidade. Enfim, segundo Ferreira (1989), as teorias da localização constituem um elo indispensável para a explicação das decisões onde se localizam os empreendimentos, da concentração das atividades econômicas e dos condicionantes do desenvolvimento regional. Da mesma forma, as teorias da localização explicam as estratégias históricas de acumulação de capital dos grandes conglomerados comerciais, industriais e de serviços.

Para se fazer uma análise regional, procurando identificar os fatores explicativos da concentração das atividades econômicas, ao longo da história foram elaborados modelos matemáticos, os quais também serviram para subsidiar as decisões de localização das empresas. Em função do espaço deste artigo, restringiu-se à identificação dos principais e indicação de bibliografias para acesso aos mesmos. Em outro momento este tema será aprofundado.

Finalizando, o propósito deste artigo foi contribuir na construção de conhecimento sobre desenvolvimento regional, revisando os principais aportes teórico-metodológicos que ressaltam a dimensão espacial, privilegiando uma descrição histórico-temporal, desde os autores clássicos até os contemporâneos. É um primeiro passo para estudiosos de temas correlatos à localização das atividades econômicas, além de indicar possíveis fatores explicativos para entender as diferenciações no crescimento econômico e no desenvolvimento de regiões e territórios.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, H.; CADIMA RIBEIRO, J.; SANTOS, J. F.; CARBALLO-CRUZ, F.; PONTES, J. P.; FIGUEIREDO, O.; GUIMARÃES, P. A teoria da localização. In: COSTA, J. S.; NIJKAMP, P. (Coords.). **Compêndio de economia regional**. Volume 1: Teorias, temáticas e políticas. 1. ed. Coimbra: Princípia, 2009, p. 45-110.
- ALBERGARIA, H. **O modelo de Von Thünen**. In: COSTA, J. S.; NIJKAMP, P., 2009, p. 45-56.
- ALONSO, W. **Location and Land Use**. Harvard University Press, 1964.
- ANDRADE, M. C. **Espaço, Polarização & Desenvolvimento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- AYDALOT, P. **Economie régionale et urbaine**. Paris: Economica, 1985.
- AZZONI, C. R. **Teoria da localização: uma análise crítica**. São Paulo: IPE-USP, 1982.
- BECATTINI, G. **Mercato e forze locali: il distretto industriale**. Bolonha: Il Mulino, 1987.
- BOUDEVILLE, J. **Os espaços econômicos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
- BRANDÃO, Carlos A. **Território & Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- CADIMA RIBEIRO, J.; SANTOS, J. F.; CARBALLO-CRUZ, F. **A localização dos serviços**. In: COSTA, J. S.; NIJKAMP, P., 2009, p. 69-80.
- CANTILLON, R. (1725). **Essai sur la Nature du Commerce en General**. Paris: INED, 1755.
- CAVALCANTE, L. R. M. T. Produção Teórica em Economia Regional: uma proposta de sistematização. **Rev. Brasil. de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 2, n. 1, 2008, p. 9-32.
- CHRISTALLER, W. **Central places in southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.
- FERREIRA, C. M. C. **Teorias da localização e a organização espacial da economia**. In: HADDAD, P. R. (Org.), 1989, p. 67-205.
- FLORIDA, R. Towards the learning regions. In: **Futures**, v. 27, n. 5, 1995, p. 527-536.
- FUGITA, M., KRUGMAN, P. e VENABLES, A. J. **The Spatial Economy: Cities, Regions, and International Trade**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2º printing, 2000.
- FUJITA, M. **Urban Economic Theory: Land Use and City Size**. Cambridge University Press, 1989.
- GODINHO, I. M. Os modelos de Richardson e de Von Böventer. In: COSTA, J. S.; NIJKAMP, P., 2009, p. 197-217.

HADDAD, E. A. **Retornos Crescentes, Custos de Transporte e Crescimento Regional**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004 (Tese de livre-docência).

HADDAD, P. R. (Org.). **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989.

HARVEY, D. **Spaces of Global Capitalism: towards a theory of uneven geographical development**. New York: Verso, 2006.

HIRSCHMAN, A. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. RJ: Fundo de Cultura, 1961.

HIRSCHMAN, A. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia Regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977, p. 35-52.

HOOVER, E. M. **La localisation des activités éconimiques**. Paris: Les Editions Ouvrières, 1955.

HOTELLING, H. Stability in Competition. **Economic Journal**, Vol.39, 1929.

ISARD, W. **Localization and Space Economy: A General Theory Relating to Industrial Location, Market Areas, Land Use, Trade and Urban Structure**. Cambridge: MIT Press, 1956.

ISARD, W. **Méthodes d'analyse régionale**. Paris: Dunod, 1972. 2 v.

KALDOR, N. A model of Economic Growth. In: **Economic Journal** 57, 1957.

KRUGMAN, Paul. A Dynamic Spatial Model. **Working Paper N. 4219**, Cambridge, National Bureau of Economic Research, nov./1992.

LÖSCH, A. **Teoría económica espacial**. Buenos Aires: Ateneo, 1957.

LUNDVALL, B. **National Systems of Innovation: Towards a Theory of Innovation and Interactive Learning**. Londres: Pinter Publishers, 1992.

MAILLAT, D. Les milieux innovateurs. **Sciences Humaines**, n. 8, 1995, p. 41-57.

MARSHALL, A. (1891). **Princípios de economia: tratado introdutório**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MATTOS, C. A. Evolución de las Teorías del Crecimiento Económico y Crisis de la Enseñanza Urbano-Regional. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, jan./jul./1998.

MÉNDEZ, R. Innovación y desarrollo territorial: algunos debates teóricos recientes. **Revista EURE**, v. 28, n. 84, 2002, p. 63-83.

MONCAYO JIMÉNEZ, E. **Evolución de los paradigmas y modelos interpretativos del desarrollo territorial**. Santiago de Chile: ILPES, 2001 (Serie Gestión Pública, 13).

MORGAN, K. The Learning Region: Institutions, innovation and regional renewal. In: **Regional Studies**, v. 31, n. 5, 1997, p. 491-503.

- MYRDAL, G. (1957). **Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1968.
- MYRDAL, G. **Aspectos Políticos da Teoria Econômica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- PAELINCK, J. **A teoria do desenvolvimento regional polarizado**. In: SCHWARTZMAN J. (Org.), 1977, p. 157-194.
- PALANDER, T. **Beitrage zur Standortstheorie**. Uppsala: Almqvist & Wiksells Boktryckeri, 1935.
- PERROUX, F. **A Economia do Século XX**. Porto: Herder, 1967 (Os espaços econômicos).
- PERROUX, F. **O conceito de pólo de crescimento**. In: SCHWARTZMAN J. (Org.), 1977, p. 145-156.
- POLÈSE, M. **Economia Urbana e Regional: lógica espacial das transformações econômicas**. Coimbra-PT: APDR, 1998.
- PREDÖHL, A. Das Standortsproblem in der Wirtschaftstheorie. **Weltwirts Archiv**, Vol.21, 1925.
- RAMOS, R. A. R.; MENDES, J. F. G. **Introdução às Teorias da Localização: orientações recentes na localização industrial**. Universidade do Minho (Portugal): Departamento de Engenharia Civil, 2001.
- REILLY, W. J. **Methods for the Study of Retail Relationships**. Austin: University of Texas Bulletin, nº 2944, 1929.
- RICHARDSON, H. W. **Economia Regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ROSENSTEIN-RODAN, P. **Reflections on regional development**. International Studies, 1963.
- SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- SCHWARTZMAN J. **Outras teorias de desenvolvimento regional**. In: SCHWARTZMAN J. (Org.), 1977,7, p. 235-239.
- SCOTT, Allen J. e STORPER, Michael. **Production, Work, Territory: The Geographical of Industrial Capitalism**. Boston: Allen & Unwin, 1986.
- SILVA, R. S.; SILVA, S.; GODINHO, D.; SANTOS, D. **Modelos de crescimento regional**. In: COSTA, J. S.; NIJKAMP, P., 2009, p. 147-235.
- SIMÕES, R. F. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005 (Texto para discussão 259).

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Regional** 1ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

STORPER, Michael. Regional Economies as Relational Assets. In: LEE, Roger e WILLS, Jane (ed.). **Geographies of Economies**. London: Arnold, 1997.

THÜNEN, J. H. V. (1826). **The isolated state**. Nova York: Pergamon Press, 1966.

WEBER, A. **Theory of the Location of Industries**. 1ª ed. Chicago: University of Chicago, 1929.

WEIGMANN, H. Ideen zu Einer Theorie der Raumwirtschaft. **Weltwirts Archiv**, Vol. 34, 1931.